

Contas apertadas no campo

Marinella Castro

Estímulo ao consumo fez com que produtores rurais assumissem dívidas além da capacidade de pagamento. Calote, que chegou a crescer 19,1% no país, também já é sentido nas revendas agrícolas

Produtora de banana, limão e mandioca, na região do Jaíba, no Norte de Minas, Maria do Socorro Alves começa a trabalhar antes de o sol nascer mas mesmo assim tem feito malabarismos para conseguir equilibrar as despesas. Nos últimos dois anos ela comprou um computador para os filhos e uma moto usada que pesaram nas despesas. O carnê da televisão nova financiada em uma loja do varejo só vai terminar no Natal. Com o orçamento apertado, o crédito foi a forma encontrada para ter acesso aos bens. Mas não tem sido fácil administrar os custos da produção rural com os altos e baixos da fruticultura. Vez ou outra a renda cai e a agricultora precisa atrasar a prestação, assim não consegue escapar dos juros. Como ela, os brasileiros, seja no campo ou na cidade, estão correndo para quitar os compromissos financeiros.

A inadimplência, o popular calote, fechou o primeiro semestre em alta de 19,1% no país em relação ao mesmo período do ano passado, segundo indicador da Serasa Experian. O endividamento das famílias que foram às compras nos três últimos anos é o responsável pela elevação do índice. Prestações de alto valor, como a do automóvel, até de bens mais baratos como o celular foram encaixadas no orçamento, muitas vezes enxuto. Com a corda no pescoço fica mais difícil ter crédito e o momento é de colocar a vida financeira em dia, seja no banco, na concessionária de veículos ou no varejo. Em 2011, pesquisa inédita da Serasa mostrou que a população rural, com participação de 23,2%, foi líder na busca por crédito, ficando atrás apenas dos jovens das periferias. Esse indicador mede quantas pessoas saíram de casa para buscar empréstimos, é um termômetro da disposição da população para gastar.

Nas revendas agrícolas e concessionárias de veículos que financiam diretamente o consumidor do campo, o clima é de preocupação e expectativa quanto ao início do ano agrícola, que pode melhorar a circulação de recursos e reduzir a inadimplência. A esperança é de que, mais aliviado por causa da renda gerada pela venda de mercadorias, o consumidor volte a gastar.

Na roda da economia, à medida que a inadimplência cresce, a busca do brasileiro por crédito diminui. Para os economistas esse é um sinal de que depois de endividar-se em 2010 e 2011 o brasileiro está agora mais preocupado em pagar as dívidas que cresceram do que em adquirir novas prestações. Como explica o economista da Federação do Comércio de Minas Gerais (Fecomércio-MG) Gabriel

Ivo de Andrade, o endividamento pesa mais para as classes C, D e E, parcela forte no meio rural. Segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), dos 30 milhões que vivem no campo, 15,4% estão na classe C e 70,4% nas classes D e E.

BOLA DE NEVE No primeiro semestre a busca do consumidor por crédito caiu 7,4%. O pior resultado desde 2008 anuncia que o brasileiro deixou de buscar empréstimos, ou seja, pisou no freio do consumo tanto no meio urbano quanto no rural. “É uma mostra de que a população está tentando pagar suas dívidas, mais que contrair novos empréstimos”, avalia Luiz Rabi, economista da Serasa. O vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), Rivaldo Borges Júnior, explica a bola de neve. Segundo ele, o consumo do brasileiro caiu afetando a renda do produtor de pequeno a grande porte, o que está dificultando quitar compromissos. “A população foi incentivada pelo governo a comprar e agora está endividada. O resultado é que o consumo caiu. A arroba do boi, por exemplo, já se desvalorizou 20%. Quando as commodities, como soja e milho, atingiram pico do preço, 90% da safra já estava vendida. Todos estão apertados com compromissos financeiros.”

Para equilibrar as contas, Maria do Socorro, que nunca tomou empréstimo diretamente em um banco, conta com seus fornecedores. “Tenho prazo para pagar a conta de água. Em agosto pago a parcela de maio. No mercado ou na loja de insumos a gente também tem prazo, só que aí com juros.” Rolando as dívidas, a agricultora vai administrando o orçamento apertado. A renda da família, de R\$ 1,2 mil, sofre com a instabilidade dos preços agrícolas. No fim do ano, quando ficar livre da prestação, Maria do Socorro não pensa fazer novos compromissos. Desistiu de financiar um carro usado, que já esteve em seus planos. Ela conta que pisou forte no freio e não quer mais saber de carnês. Seu interesse agora é outro. “Poderia financiar um carro, mas agora quero ajudar meu filho a ser engenheiro civil. É um sonho bem decidido dele e eu só penso em ajudá-lo.”